

Entrudo de Arraias, Tocantins: um banho de alegria, comunicação e tradição¹²

Bianca de Carvalho MARTINS³

Nayara Keicyane Bueno BORGES⁴

Isadora de Sousa GRATÃO⁵

Hellen Silva MACIEL⁶

Verônica Dantas MENESES⁷

Universidade Federal do Tocantins, UFT, TO

Resumo

O trabalho discute os processos de comunicação articulados às memórias e manifestações populares presentes no Tocantins. Entende a realização de manifestações folclóricas e tradicionais como forma de expressão e visibilidade dos membros da comunidade, processo por meio do qual desenvolvem suas trocas de informações, suas leituras da sua história e da realidade social, e ainda as configurações sociais inerentes ao grupo. Para tanto, a partir da perspectiva teórico-metodológica dos estudos folkcomunicaçãois, analisamos a festa do Entrudo, na cidade de Arraias, Tocantins, a fim de tensionar conceitos como cultura e tradição, identidade e pertencimento no contexto da perspectiva mobilizadora e dinâmica do cotidiano. O entrudo é a principal comemoração do carnaval de Arraias, abrindo os festejos nas alvoradas de quinta à terça-feira de carnaval.

Palavras-chave: Identidades; Comunidade; Entrudo; Arraias; Tocantins.

Introdução

O carnaval é tido pelo senso comum com uma festa sem regras, mundana, que movimentada apenas a diversão desenfreada durante cinco dias consecutivos. Entretanto, no sul do Tocantins, o Entrudo agrega outros valores a este período do ano, mobilizando moradores da cidade de Arraias que, com coletivismo, alegria e simbolismos, buscam dar

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT IJ 8 - Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

³ Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail biancamartinsc@live.com.

⁴ Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail nayara.b.borges@hotmail.com.

⁵ Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail isadoraleticia24@gmail.com.

⁶ Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail hellenlindamaciel@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação da UFT. E-mail veronica@uft.edu.br.

visibilidade ao lugar, reforçar o sentimento de pertencimento e a imagem de preservadores da tradição.

Neste trabalho buscamos mostrar o Entrudo de Arraias analisando como parte de processos de comunicação articulados à memória local e às identidades culturais regionais, entendendo que as manifestações populares, religiosas e folclóricas, quer nos grandes centros urbanos ou nos mais distantes vilarejos, mostram a criatividade de um povo construindo e reconstruindo os valores e laços identitários que os une e por meio dos quais querem ser vistos. O folclore e as manifestações folclóricas e populares tem se revelado cada vez mais como um discurso afirmativo de identidades culturais, de vocação turística e econômica, e de comunicação da cultura de um lugar.

Especialmente no interior do Brasil, estas estratégias populares e localizadas de visibilidade são formas muito valorizadas pelas comunidades. Beltrão (2004, p. 27) afirma que “comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial”. Mesmo com as transformações decorrentes dos processos de globalização, as comunidades e grupos periféricos buscam estratégias de identificação, de segurança, conforme analisa Bauman (2001).

Cabe destacar que entendemos cultura como uma prática vivida que possui mecanismos de mudança, aos quais Williams (1969) denomina tradição seletiva, e que termos como folclore ou tradição, conforme Roberto Benjamim (2004) e Luiz Antônio Barreto (2005) estão desgastados, e devem ser revisitado como algo dinâmico, que se reinventa, e sujeito às transformações inerentes à própria dinâmica do cotidiano. "Sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias, aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo" (BARRETO, 2005, p.85).

Justamente o encontro entre cultura e comunicação nos interessa, pois o folclore e as manifestações culturais populares demarcam a relação entre comunicação e cultura pois a “cultura é a grande tela onde estão configuradas essas maneiras de exhibir os conteúdos produzidos no cotidiano de cada grupo, de acordo com suas necessidades materiais e imateriais” (SCHMIDT, (2011, p.121).

Neste trabalho, temos o objetivo de relacionar o Entrudo de Arraias, traçar o seu perfil, como a composição de seus membros, ritos e estratégias de sobrevivência. Não se trata de somente descrever os atos, festas e outras manifestações folclóricas e da cultura

popular, mas abordá-los sob o aspecto da comunicação. Assim, buscamos entender as trocas culturais efetivadas dentro do grupo e do grupo para a sociedade em geral, ou seja, os processos de sociabilização produzidos nesta manifestação, as referências identitárias e territoriais e com isso as relações de pertencimento dos membros com sua comunidade.

A pesquisa de campo foi realizada a partir de uma proposta etnográfica conduzidas pelas referências teórico-metodológicas da folkcomunicação. Observamos as interações e vivências cotidianas no âmbito do Entrudo, incorporando entrevistas e relatos sobre o objeto. Segundo Winkin (1998, p. 14) a nova comunicação é vista como “*performance* permanente da cultura” (*grifo do autor*) e não se restringe à transmissão intencional de mensagens, mas refere-se aos processos dos quais todos participamos cotidianamente.

O Entrudo de Arraias

O entrudo é uma manifestação da cultura popular que tem suas origens em Portugal. Chegando ao Rio de Janeiro ainda no século XVII, logo foi levado a outras cidades do Brasil, chegando a Arraias. Foi uma das primeiras manifestações carnavalescas do Brasil, mas o caráter violento e muitas vezes ofensivo, que envolvia guerra de limões, ovos, água suja e até urina, culminou na sua proibição.

De acordo com Giron (2002, p. 185), “os cronistas do bom gosto tinham-no por selvagem e terminaram por vencê-lo nos estertores do século [XIX]”. Mesmo tornando-se mais organizado e menos ofensivo no século XVIII, quando se registrava duas categorias da festa: o entrudo popular e o entrudo familiar, um dos poucos relatos da realização do Entrudo atualmente no Brasil é na cidade tocantinense.

Em Arraias, de acordo com nossa pesquisa de campo, a festa começou a partir do ciclo familiar, pessoas que viajaram para o Rio de Janeiro trouxeram as primeiras festas para Arraias, que aconteciam nas casas dos coronéis, na zona rural. Também existiam as duas formas da festa: o entrudo familiar, com brincadeiras mais moderadas, e o popular, que trazia brincadeiras mais pesadas, que misturavam tinta, cal e lama, as casas também eram invadidas pelos brincantes para impor a brincadeira aos que não queriam participar. Aos poucos estes excessos foram sendo banidos pela própria população, especialmente a partir da criação de uma comissão organizadora do Entrudo, a única com permissão para convidar os moradores para brincar. Inclusive a água utilizada na “molhação”, atualmente, é tratada.

O Entrudo de Arraias dura os cinco dias do carnaval, começando sempre em torno das sete horas da manhã, sempre percorrendo um circuito diferente. Conforme relatou Dona

Marisa Marques, “soltou o primeiro foguete, todo mundo corre pra lá, com o balde na mão”. E desde cedo a cidade se caracteriza com muita água e marchinhas. Somente a partir da tarde os festejos mais próprios do carnaval começam a acontecer. O entrudo mobiliza também outras mediações da identidade local:

De lá saem todos acompanhados por uma banda, ou a banda da PM ou uma bandinha própria dos foliões, que consta de sanfona, triângulo ... bem sertanejo mesmo, bem do nosso interior (Dona Marisa Marques Entrevista concedida 06/02/2016).

Os moradores enfatizam que o entrudo de Arraias é uma festa democrática, que não identifica ricos nem pobres. A manutenção da festa em Arraias é motivo de orgulho para seus moradores. Dona Ivani Ferreira relata que Assim como relatou Dona Ivani,

O entrudo não emplacou nas outras cidades que tentaram brincar ou que tentam manter essa cultura, mas não conseguem, por exemplo: Paranã, Taguatinga, Monte Alegre, Campos Belos. E essas pessoas se deslocam para cá (Dona Ivani Ferreira. Entrevista concedida 06/02/2016).

Os Arraianos falam do entrudo com orgulho. Mesmo já tendo enfrentado dificuldades para manter essa cultura, de repassar para as novas gerações, o carnaval continua firme e forte, segundo a Dona Ivani, já foi necessário realizar uma campanha para não deixar a cultura do entrudo morrer, usando o slogan “deixa o entrudo entrar na sua casa”. A rejeição da população durante esse tempo foi pela bagunça que acontecia, sem regras e envolvendo pessoas que não autorizavam a brincadeira. No antigo Entrudo de Arraias, existia uma permissão, não clara, para a invasão das casas. Conforme dona Ivani nos contou sobre sua época:

Na época, dos meus senhores e família, eles invadiam as casas das pessoas. Se você fechasse a porta, eles derrubavam a porta, entravam, pegavam você de baixo da cama (Dona Ivani. Entrevista concedida 06/02/2016).

Foi a partir daí que foi criada uma comissão organizadora que planeja o evento conforme a autorização dos donos de casas e pontos comerciais e os locais em que serão feitos as paradas no decorrer do cortejo. Atualmente esta comissão é a única que está autorizada a entrar nas casas e convidar as pessoas a serem molhadas.

Mesmo sendo carnaval e com isso um clima de que “tudo pode” existir, no entrudo existem algumas regras, conforme nos conta o Dr. Joaquim Barbosa:

No Entrudo também existem regras, por exemplo, o homem não pode molhar homem e mulher não pode molhar mulher (Joaquim Barbosa. Entrevista concedida 05/02/2016).

Existem também as regras que permanecem desde a primeira edição, como por exemplo, quem estiver na rua significa que está aderindo a brincadeira e então será molhada, quer queira ou não.

Visibilidade, Sociabilidade e Pertencimento

O entrudo de Arraias mobiliza diversos sentidos para os envolvidos. Além de ser uma festa que busca dar visibilidade à cidade e aos seus moradores, são construídos laços familiares, de identidades, são construídos espaços de trocas e discussão das relações cotidianas e da própria cultura arraiana, e também são reforçados aspectos de solidariedade e comunitarismo. Além de manterem um folguedo com regras sem perder a diversão, os participantes se oferecem para ser anfitriões servindo os lanches e bebidas, quando não podem arcar com todas as despesas, recebem ajuda de outros moradores.

Um exemplo de como o entrudo marca a identidade arraiana é o reforço de regras, a partir de termos semânticos locais. Uma marcação simbólica (WOODWARD, 2000) a partir, por exemplo, de expressões criadas. Joaquim Barbosa nos contou sobre os termos arraianos usados por eles no entrudo, como por exemplo: “chibungagem” (termo usado quando homem molha homem ou mulher molha mulher); “Afofar” (termo usado quando se solicita que a pessoa puxe a camisa na parte das costas para ser molhada).

O orgulho e pertencimento também são destacados pelos símbolos e slogans espalhados, como a etiqueta colada em um balde dizendo “Eu amo Arraias”, como também as falas dos pertencentes à comunidade.

Figura 1: Foliões no Entrudo de Arraias



Fonte: Foto: Isadora Gratão

A água do Entrudo também traz um simbolismo diferenciado, funcionando como uma espécie de batizado, pois os membros da comunidade trazem o outro, molham e ao mesmo tempo o inserem dentro da comunidade, ao espaço e ao movimento. Conforme Woodward (2000, p. 8), as identidades adquirem sentido por meio das linguagens e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas.

Sobre o “batismo”, assim reflete a professora do curso de turismo Valdirene Gomes.

Ao mesmo tempo que você está trazendo o outro, você está batizando. Você está trazendo ele para aquilo que você acredita, para aquilo que você tem como referência (Valdirene Gomes. Entrevista concedida em 08/02/2016).

Vimos, portanto, revitalizar-se toda uma dinâmica entre o sagrado e o profano por meio deste ritual necessário para que os indivíduos possam fazer parte da cultura do outro. A comunidade, no seio de sua cultura, criou sua própria representação de sua identidade e de como o outro, o diferente, pode se inserir nela. Stuart Hall já pontuou, analisando as identidades nacionais, que existe um sentimento de identificação do sujeito com uma identidade, e que as identidades nacionais são formadas e também transformadas “no interior da *representação*”. Podemos entender o entrudo como uma narrativa para a

formação da identidade arraiana, uma tradição inventada que liga o passado e o presente (HALL, 2006).

O Entrudo possui o poder de sociabilidade, principalmente no momento em que todos se reúnem com o balde nas mãos, após o foguete, na casa de pessoas, voluntárias ou escolhidas a cada ano para receber o público. Neste momento são agregados a dança, a música e uma culinária com uma diversidade de bebidas e comidas típicas. São vários os momentos em que são oferecidos lanches e refeições aos brincantes, geralmente são caldo (sopa), paçoca ou arroz, feitos pelo próprio anfitrião sem nenhuma cobrança a comunidade. Também há pessoas que ao terem as casas visitadas durante a rota, servem algum um lanche à comunidade. Conforme Schmidt (2012, p.24), “alimento não é só uma questão de sobrevivência. Alimentar-se é identificar-se”. Descreve a professora Marina Marques,

É servido um caldo antes. O dono da casa escolhida serve um caldo e dali saem molhando todos que encontram pelo caminho. Ao entrar nas casas, eles são agraciados também com um lanche gostoso, uma paçoca. Alguma coisa, o dono da casa já guarda, esperando o entrudo passar (Marina Marques. Entrevista concedida em 05/02/2016).

Também se pode perceber que, por ter importância regional, quase toda a comunidade se faz presente, contribuindo de alguma forma com a realização da festa: banda de marchinha, caminhão pipa, preparação da comida, associação do Entrudo, os instrumentos. Nessa manifestação, o alimento é integrado às atividades. Na noite da praça da cidade, há barracas com comidas comuns, profissionalmente organizadas: churrasco, doces em geral, bebidas alcoólicas, caldos e refrigerantes.

O entrudo também traz um sentido integrador, de reforço dos laços identitários entre os arraianos. Em outras festas arraianas não há tanta integração entre os diversos grupos sociais da cidade como a que acontece no Entrudo. O carnaval de Arraias não tem idade, vemos de crianças e jovens a adultos e idosos, dançando, cantando e brincando de se molhar. Não existe distinção naquele momento, todos estão ali com um único objetivo, brincar de molhar. Além do fato da água ser sempre limpa, Joaquim Barbosa nos contou sobre outras características que fazem deste momento em Arraias tão diferente de todos que já existiram.

O Entrudo, de fato, é um momento democrático em que não existe nem rico, nem pobre, nem preto e nem branco. Existem pessoas molhadas (Joaquim Barbosa. Entrevista concedida em 05/02/2016).

Esse grande diferencial vem devido à história do Entrudo, do qual os primeiros causavam muitas confusões. As primeiras edições de Arraias misturavam água com polvilho ou talco, sendo uma adaptação do Entrudo que veio de fora. Conforme o tempo foi passando, Arrais foi abolindo esses comportamentos, tendo em vista que nos outros lugares não deram certo, até que chegaram a este diferencial da utilização da água pura.

Por isso, a cultura do entrudo em Arraias se mantém forte e cada vez mais consolidada, atraindo mais turistas para a cidade, a cada ano. A cultura de passar de pai para filho se mantém, isso é perceptível pela quantidade de crianças de diversas idades que estão presentes e ativas no evento. De acordo com nossas observações, isso se dá porque os pais almejam que o entrudo permaneça como um elo familiar, e seja passado desde cedo aos seus filhos. Assim como relatou Maria Diomar, mais conhecida como Mary Dhomas.

Vêm alguns anos que a gente vem tendo essa tradição de entrudo, dentro de Arraias. E é uma tradição que ninguém perde. É o sair molhando. Molhar é tudo (Mary Dhomas. Entrevista concedida em 08/02/2016).

Arraias se faz diferente também por ser descrita como hospitaleira, onde as pessoas sempre querem oferecer as suas casas para que aconteça a saída do Entrudo. Mas, mesmo com boa vontade nem todas as pessoas têm condições de fazer a saída ou de dar o caldo, e então a Associação ajuda, comprando carne, frango ou bebidas. Valdirene Gomes nos contou sobre esta hospitalidade:

Quando eu quero que meu amigo venha é algo que eu trago para cidade como sendo algo importante. Eu tenho orgulho de trazer alguém para conhecer (Valdirene Gomes. Entrevista concedida em 08/02/2016).

Percebemos, assim, que a comunidade tanto expressa o seu orgulho em ver o prestígio e entretenimento de quem visita a cidade, como compartilha por meio do Entrudo uma relação familiar, no sentido de que as pessoas convidam os amigos ou os que julgam mais próximos.

Considerações finais

Pretendemos acima de tudo mostrar neste trabalho as contribuições dos estudos da Folkcomunicação para a valorização dos modos de ser, fazer e viver das comunidades e grupos que não estão no padrão de visibilidade da grande mídia e da sociedade em geral.

Arraias, uma pequena cidade com pouco mais de 10 mil habitantes, localizada no sudeste do estado do Tocantins, tem um potencial turístico muito grande, porém ainda inexplorado. O evento mais conhecido de lá é o famoso entrudo, realizado no carnaval que desperta o interesse não só dos habitantes da cidade, mas também das cidades vizinhas e até de outros estados. A cidade é bem típica de interior, com um clima fresco e pessoas receptivas e carinhosas, tendo em seus habitantes figuras icônicas com a cara da cidade. Pudemos perceber que a cultura do entrudo é o que te faz ser arraiano, em diversos diálogos com os moradores, todos diziam ser arraiano é isso: Vir ao carnaval, se molhar, brincar e se divertir. Por ser um carnaval diurno, que começa ao raiar do dia, a experiência de se molhar combinada com o enorme calor diurno da cidade é algo refrescante.

O que mais chamou a atenção foi do carinho que os moradores têm com todos que vem conhecer o seu carnaval, especialmente se é a primeira vez: o respeito ao realizar a brincadeira de se molhar, de deixar o visitante à vontade ao chegar em uma casa de pessoas desconhecidas mas que te tratam como se fosse um arraiano assim como eles. Na brincadeira não tem distinção de cor, gênero, *status* social, apenas são pessoas que estão ali para brincar de fazer carnaval, para brincar de se molhar e ser feliz subindo as ladeiras da cidade ao som da banda e dançando as marchinhas de carnaval. E por isso, todos se unem cada um como pode para ajudar a compor a festa, reforçando laços de pertencimento entre os moradores e expressando aos visitantes uma identidade local alimentada pela tradição.

A partir do nosso registro etnográfico, mais do que compreender o sentido da festa para aquele lugar, podemos compreender o sentido para nós próprios pesquisadores. O entrudo é uma experiência pela qual todos devem passar, é uma brincadeira saudável e divertida. Em nenhum momento, mesmo com o cansaço, deixou de existir a sensação que se estava ali a trabalho, estávamos ali para registrar algo leve, e também estávamos ali para curtir aquele carnaval, aquelas pessoas e essa cultura de se banhar com alegria, de passar a sua alegria ao próximo através da água.

Referências

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore: invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci Editora, 2005.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

BENJAMIM, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

GIRON, L. A. *O etnógrafo enfarinhado: Gonçalves Dias na guerra contra o entrudo*. MÉTIS-História & Cultura, v. 1, n. 1, jan/jun/2002, pp., 185-200.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

SCHMIDT, Cristina. *Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário*. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/.../402>. Acesso em maio de 2016.

_____. *Sabores populares na mídia do Alto Tietê*. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1527/1079>. Acesso em: 04/06/2016.

WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade – 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WINKIN, Yves. *A Nova Comunicação - Da Teoria ao Trabalho de Campo*. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.